



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8667716>


Artigo Original

O universo do futebol, a seleção brasileira e a nação: reflexões sobre a ascensão e queda da “pátria de chuteiras”

*The universe of football, the Brazilian National team, and the nation: reflections
on the rise and fall of the “country in soccer shoes”*

*El universo del fútbol, la selección brasileña y la nación: reflexiones sobre el
ascenso y la caída de la “patria de botines”*

Leda Maria da Costa¹ 

Ronaldo Helal² 

RESUMO

Introdução: As reflexões de Arno Vogel no livro *Universo do futebol*, são primordiais para entendermos os significados das derrotas e conquistas da seleção brasileira em copas do mundo. A derrota em 1950 e o tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação. A seleção gerava sentimentos antagônicos de tragédia e carnaval, de pessimismo e ufanismo. **Objetivos:** Neste artigo dissertaremos sobre o esmaecimento da equação futebol-nação a partir dos anos 1990. O período das Copas de 1994 a 2002 é primordial, já que a seleção conseguiu um feito inédito de participar de três finais consecutivas, tendo vencido duas e se consagrado pentacampeã do mundo. Outro momento relevante é o mundial de 2014, realizado no Brasil, ocasião em que a seleção perdeu de 7 a 1 para a equipe da Alemanha nas semifinais, bem como a Copa de 2018. **Metodologia:** O corpus da análise é composto por material coletado nos jornais de circulação nacional *O Globo* e *Folha de São Paulo* sobre a participação da seleção brasileira masculina de futebol em Copas do Mundo dos jornais. **Considerações provisórias:** As narrativas jornalísticas já não tratam o futebol como metonímia da nação. As conquistas de 1994 e de 2002 e a derrota na final de 1998, não transcenderam o universo esportivo. A derrota por 7 a 1 para a Alemanha em 2014 gerou memes, que evidenciavam que a identidade nacional não tinha sido afetada. Em 2018, a eliminação para a Bélgica gerou narrativas de ordem técnica.

Palavras-chave: Arno Vogel. Seleção brasileira. Estado. Pátria de chuteiras.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social

Correspondência:

Leda Costa. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. R. São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, CEP 20550-013. Email: ledamonte@hotmail.com



ABSTRACT

Introduction: Arno Vogel's reflections in the book *Universo do Futebol* are essential to understand the meaning of the defeats and victories of the Brazilian national team in the World Cups. The defeat of 1950 and the three-time championship of 1970 were felt like defeat and victory of national projects. The national team generated antagonistic feelings of tragedy and carnival, of pessimism and exacerbated patriotism. **Objectives:** In this article, we will talk about the fading of the soccer-nation equation starting in the 1990s. The period of the World Cups from 1994 to 2002 is pivotal, as the team achieved an unprecedented feat by participating in three finals consecutive, having won two and became five-time world champion. Another relevant moment is the 2014 World Cup, hosted in Brazil, when the team lost 7-1 to the German team in the semi-finals, as well as the 2018 World Cup. **Methodology:** The corpus of the analysis consists of material collected in the newspapers *O Globo* and *Folha de São Paulo* on the participation of the Brazilian national team in the World Cups. **Temporary Considerations:** journalistic narratives no longer treat soccer as a metonym of the nation. The achievements of 1994 and 2002 and the defeat in the 1998 final did not transcend the sports universe. The 7-1 loss to Germany in 2014 generated memes that showed that the national identity had not been affected. In 2018, the elimination against Belgium generated narratives of a technical nature.

Keywords: Arno Vogel. Brazilian Soccer National Team. State. Country of soccer shoes.

RESUMEN

Introducción: Las reflexiones de Arno Vogel en el libro *Universo do Futebol* son fundamentales para que entendamos el significado de las derrotas y conquistas de la selección brasileña de fútbol en los mundiales. La derrota de 1950 y el tricampeonato de 1970 se sintieron como derrota y victoria de proyectos nacionales. La selección generaba sentimientos antagónicos de tragedia y carnaval, de pesimismo y patriotismo exacerbado. **Objetivos:** En este artículo, hablaremos sobre el desvanecimiento de la ecuación fútbol-nación a partir de la década de 1990. El período de los Mundiales de 1994 a 2002 es fundamental, ya que el equipo logró una hazaña sin precedentes al participar en tres finales consecutivas, habiendo ganado dos y se consagró pentacampeón del mundo. Otro momento relevante es el Mundial de 2014, organizado en Brasil, cuando el equipo perdió por 7-1 ante la selección alemana en las semifinales, así como el Mundial de 2018. **Metodología:** El corpus del análisis consiste en material recolectado en los periódicos *O Globo* y *Folha de São Paulo* sobre la participación de la selección brasileña de fútbol en los Mundiales. **Consideraciones provisionarias:** las narrativas periodísticas ya no tratan al fútbol como metonimia de la nación. Los logros de 1994 y 2002 y la derrota en la final de 1998 no trascendieron el universo deportivo. La derrota por 7-1 ante Alemania en 2014 generó memes que demostraron que la identidad nacional no había sido afectada. En 2018, la eliminación ante Bélgica generó narrativas de carácter técnico.

Palabras clave: Arno Vogel. Selección brasileña de fútbol. Estado. Patria de botines.

INTRODUÇÃO

Até a década de 1990, a equação futebol-nação era evidente, sobretudo via seleção brasileira, em períodos de Copas do Mundo masculina de futebol. A alcunha para a seleção como sendo a “pátria de chuteiras”, elaborada pelo dramaturgo e cronista esportivo, Nelson Rodrigues, parecia inquestionável e se tornava lugar comum ao se pensar e vivenciar os Mundiais de futebol a cada quatro anos.

No meio acadêmico, um dos artigos que compõem o livro *Universo do Futebol*, que consideramos fundacional para os estudos sociais do futebol no Brasil³, organizado por Roberto DaMatta em 1982, nos chama a atenção pelas reflexões e questões levantadas em torno da relação entre a seleção brasileira e a nação. Trata-se do artigo de Arno Vogel, intitulado “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional”.

Arno Vogel faz uma análise de dois momentos considerados emblemáticos na história do futebol brasileiro: a derrota na final da Copa de 1950 e o tricampeonato em 1970. É muito provável que Vogel não se desse conta, quando escrevia seu artigo, que estava contribuindo para reforçar uma “tradição” de trabalhos voltados para a relação entre futebol e identidade nacional no país, que havia sido inaugurada por Simoni Guedes em sua dissertação de mestrado, *Futebol brasileiro. Instituição zero*, defendida em 1977. Após uma análise detalhada das “celebrações” da derrota em 1950 e da vitória em 1970, Vogel afirma ao final de seu trabalho que “a tragédia do Maracanã foi tão importante para a construção da nossa identidade quanto a glória no México” (VOGEL, 1982, p. 114)⁴.

O fato é que tanto em 1950 quanto em 1970 a equação seleção brasileira-nação parecia ser inquestionável e fazia muito sentido na imprensa da época. Vogel escolhe as duas Copas e pelo que elas têm de dicotomia. Na primeira, uma a tragédia e o “vexame” seriam preponderantes configurando-a como “a derrota de todas as derrotas” (VOGEL, 1982, p. 93). E na outra, se exalta a honra, o orgulho e elementos de uma “brasilidade” construída, com a cidade do Rio de Janeiro se “convertendo no palco do maior carnaval da sua história.” (VOGEL, 1982, p. 111).

³ Consideramos o livro fundacional por ter sido o primeiro a reunir quatro artigos de antropólogos especificamente para discutir e pensar o fenômeno futebolístico no país, por ter tido uma editoração refinada, em capa dura, e com gravuras de importantes artistas brasileiros, e por Roberto DaMatta já ser, na época, um cientista social de muito prestígio no meio acadêmico. Os quatro artigos de *Universo do Futebol* contribuíram significativamente para o início da construção estrutural do campo acadêmico sobre o futebol no país, em um momento em que o país iniciava sua jornada rumo ao regime democrático.

⁴ Vale destacar aqui o livro de Paulo Perdigão *Anatomia de uma Derrota*. No livro consta a transcrição do jogo Brasil X Uruguai, em 1950, narrado por Jorge Curi e Antonio Cordeiro e transmitido pela Rádio Nacional (PRE-8).

Nesse sentido, as Copas do Mundo seriam momentos extraordinários, entre outros motivos, porque ocorrem de quatro em quatro anos, e nos ajudariam a entender o que elas nos dizem sobre nós mesmos.⁵ A questão que levantamos aqui é: seria possível ler a sociedade brasileira por meio de uma Copa do Mundo atualmente? E se a resposta for positiva, qual leitura seria possível?

Vogel, em um momento do seu instigante artigo, nos fala sobre uma polêmica que existia no final dos anos de 1960, após a perda do Mundial de 1966, entre o que se convencionou chamar de futebol-força e futebol-arte. O primeiro modelo se referia ao futebol europeu e “girava em torno do binômio ciência-eficiência” e focava muito na preparação física e disciplina tática (VOGEL, 1982, p. 109). O segundo modelo, o chamado futebol-arte, se concentraria mais na habilidade, toque de bola e malícia, “qualidades que não se aprendem no colégio e que seriam naturais no jogador brasileiro” (VOGEL, 1982, p. 109). Observemos que Gilberto Freyre no seu famoso artigo “Football Mulato”, de 1938, louva sobremaneira os atributos do que se convencionou chamar de “futebol-arte”, e que, segundo o sociólogo, teria sido um modelo inventado por nós. Dessa forma, uma Copa do Mundo seria um momento especial de a sociedade brasileira mostrar ao mundo e para si mesma o que ela considerava importante na cultura⁶.

É curioso notar que essa polêmica ou debate retornou com intensidade no meio jornalístico após a perda da Copa do Mundo de 1982, quando uma seleção de jogadores considerados “extraordinários”, não foi capaz de trazer a conquista para o país. Só que naquele período, no lugar de “futebol-força” se falava em “futebol de resultados”, para antagonizar com “futebol-arte”. A conquista do tetracampeonato da seleção em 1994 levou esse debate ao ápice, por ter sido considerada uma equipe que se distanciava de nossas supostas características, e que teria somente no atleta Romário um genuíno representante de nossa possível “brasilidade”.⁷

O fato que nos chama mais a atenção e que gostaríamos de discutir aqui é sobre o esmaecimento da equação futebol-nação a partir dos anos 1990. O período das Copas do Mundo de 1994 a 2002 é primordial nesta análise, já que a seleção brasileira conseguiu um feito inédito de participar de três finais consecutivas, tendo vencido duas vezes e se consagrado pentacampeã do mundo. Outro momento muito relevante para nossa reflexão é o Mundial de 2014, realizado no Brasil, ocasião em que a seleção perdeu de 7 a 1 para a

⁵ DaMatta, na obra *Universo do Futebol*, organizada por ele, defende a hipótese do futebol como um “drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas significativos da sociedade brasileira” (DAMATTA, 1982, p. 40).

⁶ Para um estudo crítico do artigo de Freyre, ver Maranhão (2006).

⁷ Sobre essa questão ver GUEDES, Simoni Lahud. O salvador da pátria – considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 23-41, 1995.

equipe da Alemanha nas semifinais, bem como a Copa de 2018. No caso da Copa de 2014 sua escolha se dá por ter ocorrido no Brasil e ter promovido uma releitura de 1950⁸. A de 2018 se justifica por ser uma copa pós-Mineiraten⁹, com uma imprensa esportiva muito generosa na recepção da derrota, como há muito não se via.

O corpus da análise será composto por material pesquisado sobre a cobertura da participação da seleção brasileira masculina de futebol em Copas do Mundo. Embora sejam feitas breves referências a outros periódicos e programas de TV, o artigo dará centralidade ao conteúdo dos jornais *O Globo* e a *Folha de São Paulo*. O critério de escolha foi norteado pelo fato de que são jornais de circulação nacional, embora seja relevante considerar trata-se de publicações produzidas no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente. A pesquisa foi realizada nos acervos digitais de ambos os jornais, o que se mostrou fundamental em se tratando de um momento com muitas dificuldades de locomoção urbana devido à pandemia de Covid-19.¹⁰ O período abarcado na pesquisa às fontes se restringe aos períodos de realização das Copas do Mundo aqui analisadas.

TRÊS FINAIS, DUAS CONQUISTAS E A PÁTRIA DE CHUTEIRAS EM DECLÍNIO

Arno Vogel no supracitado artigo colocou com propriedade que não se pode entender a participação da seleção brasileira na Copa de 1970 sem estudar a de 1950. No nosso caso, algumas discussões que se apresentam em 1994 só podem ser entendidas se compreendermos o contexto das copas pós 1970, principalmente as de 1982, 1986 e 1990.

Em 1982, a seleção tinha em sua equipe uma geração de atletas de futebol considerados pela imprensa como “extraordinária”. Liderada por Zico e Falcão a seleção, após vencer as cinco primeiras partidas, perdeu para a Itália por 3 a 2 e terminou a competição em quinto lugar. Em 1986, mesmo com Zico lesionado, entrando nos minutos finais das partidas, a seleção ainda era considerada uma representante do chamado “futebol-arte”. E, mais uma vez, ficou em quinto lugar, após perder nas quartas-de-final para a França, em disputa de pênaltis. O debate entre dois supostos estilos “arte” e “força” ou “futebol de resultados” se intensificou.

⁸ Sobre esse aspecto ver Brinati (2016).

⁹ Nome dado a derrota da seleção brasileira por 7 a 1 para a Alemanha, ocorrida no Mineirão. Trata-se de uma expressão que faz alusão ao Maracanazo de 1950.

¹⁰ No momento de escrita deste artigo, o Rio de Janeiro adotava algumas medidas de restrição de convívio social, devido à pandemia de Covid-19, o que implicava a impossibilidade de pesquisa em acervo físico da Biblioteca Nacional.

Em 1990, sem a geração dos Mundiais de 1982 e 1986, o então técnico da seleção, Sebastião Lazaroni, concedeu uma entrevista para o jornalista Oldemário Touguinhó, antes da Copa, na qual colocou o então jogador Dunga como o símbolo do estilo de jogo que pretendia adotar na Copa do Mundo daquele ano.¹¹ A seleção brasileira daquela Copa ficou conhecida no país como “Era Dunga”, significando um distanciamento das supostas raízes do nosso futebol, com um estilo mais forte de marcação e com pouco *brilho* e *talento* individual.

Com a derrota da seleção para a Argentina por 1 a 0, a “Era Dunga” foi posta em xeque e o debate entre dois estilos de jogar futebol ficou ainda mais acirrado e tendia para o retorno de nossas hipotéticas características ancoradas na “habilidade, espontaneidade, toque-de-bola e malícia” (VOGEL, 1982, p. 109).¹² É importante ressaltar que o gol da Argentina foi marcado após Maradona driblar vários jogadores da seleção brasileira e passar para o atacante Caniggia finalizar.¹³ Essa partida e esse gol inspiraram a canção que os argentinos cantaram em 2014 “*Brasil décime que se siente*”.¹⁴

Se o estilo “futebol-arte” não conquistou as Copas de 1982 e 1986, a “Era Dunga”, ou “futebol de resultados”, ou mesmo “futebol-força”, sucumbiu em 1990 e justo para Maradona, considerado exemplar inquestionável do “jogo bonito”. De certa forma, a discussão sobre os estilos ainda evidenciava uma equação seleção-nação, porém mais tímida que outrora. Em 1994, o então técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, foi bastante criticado por montar um esquema de jogo que segundo parte considerável da imprensa violentava nossas supostas “raízes”. Dunga, capitão da seleção, continuava sendo visto com emblema do jogador limitado tecnicamente, mas que se “esforça” o tempo todo e cumpre à risca as determinações táticas. Um exemplo a se destacar é a crônica de Fernando Calazans enfatizando que o esquema tático adotado por Parreira fazia dos jogadores “prisioneiros das funções burocráticas que o esquema tático lhes impõe” (O GLOBO, 29/06/1994, p. 11)¹⁵ Ao vencer a Itália na final (como em 1970), em disputa por pênaltis, a seleção conquistou o tetracampeonato, após 24 anos, e Romário, eleito o melhor jogador daquela Copa, foi idolatrado no país, pelo seu talento que seria da estirpe do nosso hipotético estilo.¹⁶ O trabalho do técnico da seleção e do capitão Dunga foram

¹¹ A entrevista com Sebastião Lazaroni foi feita por Oldemário Touguinhó e Tadeu Aguiar e publicada com o título Lazaroni decreta a era de Dunga (JORNAL DO BRASIL, Caderno de Esporte, 21/05/1990).

¹² Vogel coloca ainda que “estas qualidades não se aprendem no colégio. São naturais no jogador brasileiro.” (1982, p. 109)

¹³ O embate entre arte e técnica pode ser demonstrada na matéria “Seleção da Era Dunga não supera arte de Maradona” publicada pelo Jornal do Brasil (25/06/1990).

¹⁴ Ver Alabarces (2017) para uma análise desta canção e sua relação com a Argentina.

¹⁵ Calazans, Fernando, Pecado Capital. (O GLOBO, 29/06/1994, p. 11)

¹⁶ Para um estudo sobre as narrativas sobre o atleta Romário no referido período ver Helal (2003).

secundarizados nas narrativas.¹⁷

E Dunga, enquanto sujeito psicológico e que consome as narrativas midiáticas, parecia ter se incomodado muito por ser visto como símbolo de um futebol antítese de “brasilidade”. Ficou famosa a cena em que, ao levantar a taça na cerimônia de premiação, ele, ao invés de beijar o troféu, como fizeram os capitães que o antecederam, parece xingar e cuspir muito. Juca Kfoury em uma crônica sobre Dunga comentou a respeito desse evento, mencionando a frase dita pelo jornalista Marcelo Barreto ao vivo durante uma das edições do programa *Redação Sportv*: “Bellini inventou o gesto de levantar a taça. Carlos Alberto inventou o gesto de beijar a taça. E Dunga inventou o gesto de xingar a taça” (FOLHA DE S. PAULO, 13/09/2009)¹⁸

Ainda que a questão do estilo estivesse bastante acirrada aqui, a “pátria de chuteiras” já aparecia estar calçando chuteira menores, parafraseando frase proferida pelo antropólogo Hugo Lovisolo em 2000 (O GLOBO, 01/10/2000).¹⁹ A vitória era celebrada como a conquista de um time de futebol importante, a seleção brasileira, mas seu significado não se construía a partir da equação seleção igual a nação. Houve comemoração pela conquista, mas a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, não se converteu em palco do maior Carnaval da sua história, como Vogel tinha demonstrado a respeito de 1970.²⁰ O jornal *O Globo* (22/06/1970) estampou, por exemplo, a manchete “Tri. Carnaval em junho” anunciando a festa que esperava a seleção quando retornasse ao Brasil. A pátria sambava em chuteiras, pois como comentou Nelson Rodrigues “Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota”. (O GLOBO, 22/06/1970, p. 5).

Este esmaecimento ou declínio da “pátria de chuteiras” ficará mais evidente nas Copas seguintes. Em 1998, a seleção foi a mais uma final de Copa do Mundo. Dessa vez, contra a anfitriã, França. Romário, considerado o herói de 1994, foi cortado, por lesão, um pouco antes do início da competição. O jogador Ronaldo, de apenas 21 anos, e que já tinha sido eleito o melhor do mundo por dois anos seguidos (1996 e 1997), passou a ser a maior esperança para a conquista.

Após vencer nos pênaltis a seleção da Holanda nas semifinais, o clima de euforia tomou conta dos brasileiros e alguns setores da mídia adiantaram os atributos que, porventura, seriam mais acionados em caso de vitória na final: a

¹⁷ É de destacar o jornal *O Globo* que, no dia seguinte a conquista do tetra, publicou uma entrevista com Romário cuja frase “Esta Copa foi minha” (18 jul. 1994, p. 9) foi usada como título da matéria. A segunda matéria dizia “Romário, o nome do tetra verde e amarelo” (18 de julho de 1994, p. 10).

¹⁸ “O incrível Dunga”. Folha de S. Paulo, Esporte, 13 de setembro de 2009.

¹⁹ Essa frase foi publicada na matéria de Pedro Mota Gueiros “Um chute acadêmico na pátria de chuteiras”. (O GLOBO. 01 out. 2000, Caderno de Esportes, p.13).

força e a grandeza da mistura de raças no Brasil.²¹ Dessa forma, o Brasil chega à final contra a França do então astro Zidane. Após perder por 3 a 0, a maior goleada já sofrida pelo Brasil em Copas até então, as narrativas da imprensa brasileira se voltaram para o drama de Ronaldo, que tinha tido uma convulsão algumas horas antes da partida.

No entanto, a derrota da nossa seleção não trouxe à tona, desta vez, a questão da miscigenação racial do Brasil, como em 1950. As explicações para a derrota elegiam um vilão abstrato: a mercantilização do futebol. Rumores de que o time teria “entregue o jogo” mediante uma quantia fantástica de dinheiro oferecida pela FIFA ou pela França²²; ou de que a Nike teria forçado Ronaldo a entrar em campo sem condições físicas, passaram a fazer parte das conversas do nosso cotidiano na semana após a final.

Conforme colocou Helal (1998, p. 145):

Ao explicar a perda do pentacampeonato com um discurso que acusa a mercantilização do futebol, a construção mítica da derrota na França tocou em aspectos paradoxais que permeiam, de forma implacável, o espetáculo esportivo moderno. Afinal, trata-se de um evento que combina imagens e atitudes aparentemente antagônicas que nos remetem à ideia ora de lucro, ora de paixão, ora de profano, ora de sagrado. Só que com a derrota, o imaginário coletivo brasileiro concentrou o seu foco primordialmente no lucro e no profano e terminou por gerar um abismo muito grande entre os torcedores e a complexa rede de negócios que se forma em torno do esporte.

Observemos, dessa forma, que as narrativas dessa derrota são diferentes das analisadas por Vogel sobre a de 1950. Em 1998, a reflexão poderia se concentrar nos efeitos nocivos da visão do futebol como uma grande indústria e na necessidade de se entender o amadorismo e a paixão dos torcedores. O fato é que, em nenhum momento, a goleada sofrida foi vista como tragédia ou como um fracasso do Brasil enquanto nação. As atenções se voltaram para a possível crise convulsiva de Ronaldo, ocorrida na noite que antecedeu a final contra a França. Tratava-se do principal jogador da seleção e um dos mais importantes atletas do mundo na época. Esse evento foi transformado em uma fonte inesgotável de hipóteses, teorias e, principalmente, alimentou a busca por furos jornalísticos. A *Folha de São Paulo* fez uma longa reportagem, intitulada “A história secreta de Ronaldo”, na qual o jornal se propunha trazer a verdade ao conhecimento de todos: “O atacante Ronaldinho, 21, sofreu na tarde de domingo

²¹ Nos referimos especialmente à edição do Jornal Nacional da Rede Globo do dia 11 de julho de 1998, véspera da decisão. Curiosamente foi a França que terminou por fazer uso de atributos multiétnicos no discurso da conquista, o que poderia estar demonstrando como o esporte de massa - no caso, o futebol - expressaria conflitos e sentimentos latentes em uma cultura. Ver Helal (1998).

²² Esta “notícia” foi veiculada pela Internet e ganhou contornos dramáticos no imaginário coletivo brasileiro para explicar a derrota.

uma crise nervosa, e *não um distúrbio neurológico* como vinha sendo anunciado pela Confederação Brasileira de Futebol [...]” (FOLHA DE SÃO PAULO, 16/07/1998).²³ Houve um forte questionamento aos excessos de um futebol considerado demasiadamente mercadorizado e que colocaria a vida dos jogadores em risco tamanho os compromissos firmados com empresas interessadas em dinheiro e despreocupadas com a saúde dos atletas. Essa opinião se evidenciava em comentários como o do jornalista Luis Cavanan da *Folha de São Paulo* (14/07/1998): “Aliás, foi Ricardo Teixeira ou a Nike quem obrigou que ele [o jogador Ronaldo] fosse escalado na última hora, sem condições físicas e/ou psicológicas?”. As narrativas sobre a derrota na Copa de 1998, aqui pesquisadas, priorizaram a ênfase na dramatização do caso Ronaldo e não foram pautadas pela relação entre seleção e nação.

Em 2002, a seleção conquista o pentacampeonato após ir para sua terceira final consecutiva em Copas do Mundo. Foi analisando as narrativas do *Jornal do Brasil* durante aquele Mundial que Helal e Soares (2004), decretaram o “declínio da pátria de chuteiras”. Este declínio tem que ser entendido em comparação com o significado da seleção brasileira e as emoções que ela provocava décadas antes. Ou seja, admitimos que o vaticínio em nossa análise continha certa dose de exagero, ainda que necessária para as reflexões ali postas. Mas daí a afirmar que a seleção seria a “pátria de chuteiras”, nos moldes colocados pelo cronista esportivo e dramaturgo Nelson Rodrigues, temos uma distância grande.

Mais uma vez, o que vimos na conquista do pentacampeonato de 2002 é que a equação seleção-nação apareceu somente em algumas discussões sobre estilos de jogo.²⁴ Essa discussão teve como centro as contestações a Luiz Felipe Scolari considerado um técnico que privilegiava um estilo de jogo considerado pragmático, importando-se somente com a vitória.

As narrativas jornalísticas de 1950 e 1970, conforme analisou Arno Vogel, tinham um caráter mais homogêneo e totalizante em torno do projeto nacional. Ainda que uma Copa do Mundo possa ser vista como um duelo metafórico entre as nações, em um fingir de contar (levado a sério) que 11 jogadores representariam a nação²⁵, o pentacampeonato do Brasil não gerou na imprensa esportiva discursos calcados na demonstração de comoções nacionais e

²³ Em março de 1999, foi requerida, pelo então Deputado Federal Aldo Rebelo, a CPI CBF-Nike para apurar a regularidade do contrato CBF-Nike. Somente em 2000, a CPI foi instaurada sendo findada em 2001. Nesse mesmo ano os deputados Aldo Rebelo e Sílvio Torres lançaram o livro *CBF/Nike* pela editora Casa Amarela. A obra foi retirada de circulação em 2020 após ação movida e vencida pela então presidente da CBF, ganhar na justiça Ricardo Teixeira. Somente em 2016 o referido livro foi liberado para venda após decisão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro favorável ao recurso feito pela Editora Casa Amarela.

²⁴ Sobre essa questão ver Brinati, F. Teixeira, J. 2002: da família Scolari ao topo do mundo – a contradição entre o global no futebol contemporâneo. In: HELAL, Ronaldo. CABO, Álvaro do. *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural*. RJ: edUERJ, 2014.

²⁵ Ver Alabarces (2002) para um estudo sobre o futebol e as narrativas da nação na Argentina.

identitárias como o tricampeonato.²⁶ E se levarmos em conta que esse período 1994-2002 é o único que a seleção vai três vezes seguidas às finais, vencendo duas, esta observação se torna ainda mais relevante.

TRAGÉDIA E VERGONHA: ONDE ESTÁ A PÁTRIA DE CHUTEIRAS?

Enquanto objeto de análise, a derrota da seleção masculina brasileira para a Alemanha por 7 a 1 é um acontecimento fascinante. Trata-se da maior goleada sofrida por uma seleção brasileira em Copas do Mundo, justamente aquela que mais conquistou o torneio. Derrota decisiva ocorrida no Brasil, em 2014, quando pela segunda vez na história, o país sediou a mais importante competição mundial de futebol. E pela segunda vez não conseguiu o título de campeão em sua casa. A derrota para a Alemanha, em 2014, provocou o acionamento da memória do *Maracanazo* feito em grande medida com o objetivo de demonstrar que a eliminação da seleção da Copa de 2014, com uma goleada, havia sido uma derrota que redimiria aquela sofrida diante dos uruguaios, em 1950.

Podemos ver esse aspecto nas palavras de José Roberto Torero em sua crônica “Obrigado, diria o técnico da seleção de 1950 a Felipão (FOLHA DE S. PAULO, 09/07/2014) ou nas de Thiago Salata que escreveu em sua coluna no *Lance!* (09/07/2014, p. 13): “Tragédia de 50 perde espaço para a vergonha de 14 nos livros de história”. Esse viés interpretativo se fez notar de maneira incisiva nos jornais *Extra* e *Diário de Pernambuco*. Ambos usaram a mesma foto em que se mostra o goleiro Barbosa caído após o gol de Ghiggia e ao fundo o lateral Bigode com as mãos na cabeça. O primeiro jornal diz “Parabéns, aos vice-campeões de 1950 que sempre foram acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem conhecemos o que é vexame de verdade” (9/07/2014). E o *Diário de Pernambuco* estampou: “Barbosa descanse em paz” em referência ao goleiro da seleção, o principal vilão eleito da Copa de 1950 e cuja trajetória fora marcada pelo jogo Brasil X Uruguai. Segundo esse mesmo jornal se a derrota de 1950 parecia até então “Uma decepção que, pensava-se, jamais seria repetida. Infelizmente aconteceu e foi pior. A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiou Barbosa” (09/07/2014).

É possível que a goleada sofrida pela seleção brasileira masculina na Copa

²⁶ Especificamente em relação a Copa de 1970 é importante ressaltar o contexto brasileiro que estava sob um regime militar ditatorial e que fez da participação da seleção naquele evento uma plataforma política nacionalista. Mas a relação metonímica entre seleção e nação como já apontou Simoni Guedes (1977) pode estar além das tentativas de apropriação política. Recorrendo as ideias do antropólogo Victor Turner, Simoni aponta que a concepção de “communitas” proporcionada pelo futebol, em termo de Copa do Mundo, se pauta pelas categorias Brasil e brasileiro viabilizando uma relação direta com as ideias de nacionalismo e patriotismo frequentemente presentes nos discursos da imprensa esportiva, sendo notável, por exemplo, na conquista de 1958 entoada pelos versos “A taça do mundo é nossa/com brasileiro não há quem possa” da música composta por Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô (GUEDES, 1977).

de 2014 possa lançar novas perspectivas em relação a derrota de 1950. De qualquer modo, o que se pode considerar como relevante para este artigo diz respeito a consideráveis mudanças no modo de se narrar a derrota da seleção brasileira, notáveis em 2014 e em 2018 como veremos adiante. Essas mudanças se fazem presentes em termos narrativos, se relacionando a alguns acontecimentos perceptíveis no campo esportivo e na sociedade brasileira.

Para compreendermos melhor essa questão é importante salientarmos que a derrota para o Uruguai, em 1950, foi compreendida como uma derrota da própria nação, extrapolando e muito as quatro linhas do campo. Como a antropóloga Simoni Guedes observou, é notável, em alguns momentos da história do país, a passagem “da análise de uma derrota no terreno futebolístico para a análise do povo brasileiro como um todo (GUEDES, 1998, p. 21). Esse deslocamento caracteriza a recepção da derrota de 1950, o que se evidencia, por exemplo, na crônica de José Lins do Rego, publicada no *Jornal dos Sports* (18/07/1950):

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado [...] E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou de que éramos mesmo um povo sem sorte.

Aquele resultado adverso foi, frequentemente, compreendido como um sinal de que o Brasil era uma nação cujo perfil se desenhava sombrio e marcado pelo fracasso. Tratava-se da dramatização de uma questão antiga que se relacionava à “deficiência da raça brasileira, temática que se prolongava desde a época do Estado Novo” (VOGEL, 1982, p. 99). Nesse processo, a imprensa esportiva desempenhou um significativo papel na expansão dos sentidos atribuídos aquele Brasil X Uruguai. Nos dias antecedentes ao jogo, muitos jornais desfilavam as fotos dos jogadores da seleção os exaltando como representantes da nação brasileira (MOURA, 1998, p. 114). O jogo do dia 16 de julho foi representado como o momento único da história de um país que por intermédio do futebol poderia se mostrar vencedor e capaz de grandes realizações.

Essa relação direta entre pátria e seleção brasileira não se fez presente na cobertura de grande parte da mídia esportiva, em 2014. No discurso da imprensa é possível observarmos o reconhecimento da superioridade técnica do adversário, o que tornava, portanto, a derrota como algo possível. Essa expectativa negativa se alimentava também por causa da ausência de Neymar, o principal jogador da seleção brasileira daquela Copa do Mundo. Nas quartas de final, em partida contra a Colômbia, Neymar fraturou uma vértebra após sofrer uma falta violenta do jogador colombiano Zúñiga, lesão que o impediu de seguir atuando no mundial.

Na edição do dia 05 de julho a *Folha* pergunta na página inicial do seu Caderno de Esportes: “Sem ele dá? Brasil mostra evolução e avança, mas perde

Neymar e precisa agora refazer o time para buscar sua vaga na final” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014). Na véspera do jogo, Renato Maurício Prado indaga “Qual será, afinal, o time do Brasil sem Neymar?”. A ausência de Neymar provocou intensa preocupação e pessimismo “Sem Neymar, seleção abandona discurso de favoritismo” (FOLHA DE S. PAULO, D4, 08/07/2014). Também é válido considerar que de um modo geral as atuações da seleção brasileira não foram capazes de despertar muitos elogios da imprensa esportiva, muito menos entusiasmo, o que reforçou a desconfiança de que a seleção brasileira talvez não conseguisse sair vitoriosa do jogo contra a seleção alemã.²⁷ Em 1950, a campanha da seleção provocou desconfiança após o jogo contra a Suíça, considerada como tecnicamente inferior ao Brasil. O jogo ocorrido no estádio do Pacaembu, em São Paulo, terminou em empate, o que gerou vaias nas arquibancadas (SOTER, 2002, p. 84). Mas depois vieram duas goleadas sobre a Suécia (7 a 1) e sobre a Espanha (6 a 1) ambas no Maracanã. Na partida final contra o Uruguai, dono de uma campanha modesta na Copa, grande parte da imprensa conferiu favoritismo absoluto à seleção brasileira (COSTA, 2020). O mesmo não é possível dizermos em relação a 2014. Quando a competição teve seu início, as atuações da seleção foram alvo de críticas, minimizadas pela celebração das vitórias, sobretudo, aquelas conseguidas nas fases decisivas. O jogo contra a seleção chilena, por exemplo, decidido na cobrança de pênaltis teve como personagem principal o goleiro Julio Cesar considerado o herói da partida. Assim disse a manchete do Jornal *O Globo* (CADERNO DE ESPORTES, 29/06/2014, p. 3), “Julio Cesar Salvador. A estrela de Felipão. Salvo pela trave e pelo goleiro no qual apostou em meio à desconfiança geral, técnico celebra milagres da classificação”

Considerando esse contexto, a derrota era algo que se avistava como possível no horizonte de expectativas de torcedores e, sobretudo, de parte da imprensa esportiva. Nos dias antecedentes a Brasil contra Alemanha, no Mineirão, as atenções se voltaram para a contusão sofrida por Neymar, fato dramatizado na exibição do vídeo veiculado pela CBF em que o jogador chorando afirma que “Me tiraram o sonho de disputar uma final de Copa do Mundo. Mas o sonho de ser campeão mundial, ainda não acabou”.²⁸ A promoção de uma atmosfera de comoção em torno de Neymar foi mercadologicamente aproveitada com a produção de campanhas como “#somostodosNeymar” responsável pela confecção de máscaras com o rosto do camisa 10 da seleção e que foi usada por grande parte do público presente ao estádio do Mineirão. Ali se evidenciava, o poder midiático de Neymar, o jogador-celebridade que como diversos outros tem sua imagem cada vez mais descolada da concepção de nação (HELAL e SOARES, 2004). Ou seja, formou-se uma atmosfera bastante diferente daquela de 1950,

²⁸ O sonho de ser campeão não acabou. CBFTV. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UQHLPa8igeQ&t=4s>. Acesso em 22 nov. 2021)

imersa no otimismo e no nacionalismo. Em 2014, o que surpreendeu e tornou a derrota inaceitável foi o seu tamanho: 7 x 1.

Esse placar elástico, pouco típico em jogos de Copa do Mundo, sobretudo em se tratando da seleção brasileira, é que transformou a perda na semifinal em “Vergonha, vexame, humilhação” (O GLOBO, 09/07/2014). Em algumas capas de jornais do dia seguinte ao jogo, a palavra vergonha estava estampada. O jornal *Lance!* (9/07/2014) publicou uma capa toda em branco e na parte inferior dizia-se: “indignação, revolta, dor, frustração, irritação, vergonha, pena, desilusão... diga o que estão sentindo e faça você mesmo esta capa do *Lance!*”. A mesma tática de simular uma ausência de capa foi usada pelo jornal popular *Meia Hora* (9/07/2014) que dizia “Não vai ter capa. Hoje não dá pra fazer graça, a gente ficou com vergonha. Amanhã nós voltamos”. Já *O Globo* (09/07/2014) estampou em sua primeira página a foto do zagueiro David Luiz chorando e acima a manchete: “Vergonha, vexame, humilhação”. O jornal *Correio* (BA) usou a manchete “Vergonhaço” (CORREIO, 09/07/2014), acompanhado de um subtítulo que caracterizava o 7 a 1 como a pior derrota do futebol brasileiro, tendo sido capaz de superar o trauma da Copa de 1950.

É notável o frequente uso da palavra “vergonha” para nomear o resultado Alemanha 7 x Brasil 1, fenômeno perceptível em relação à derrota de 1950, quando o fracasso em campo foi do mesmo modo traduzido pela expressão do sentimento vergonha (VOGEL, 1982). A expressão das emoções como tem demonstrados os estudos da antropologia das emoções, possui valor cultural, sendo parte de um processo comunicativo ritualmente organizado e vinculado a códigos morais, memórias, limites sociais que dizem respeito tanto a indivíduos quanto a coletividades. Especificamente em relação à noção de vergonha, ela implica a existência de uma lógica hierárquica que, por sinal, é notável no Brasil em recursos como, por exemplo, o “você sabe com quem está falando?” analisado por Roberto DaMatta (1979). Competições esportivas, por si só, estabelecem hierarquias e durante algum tempo no caso das Copa do Mundo tratava-se de uma disputa que instaurava “uma hierarquia entre identidades nacionais. Para os que tem consciência de status à flor da pele como os membros de sociedades hierárquicas [...] cada vez que está em jogo uma posição no sistema é a própria honra nacional que está sendo posta à prova” (VOGEL, 1982, p. 94). Foi o que ocorreu em 1950, fazendo com que o sentimento da derrota da seleção brasileira tenha representado a vergonha de uma nação.

Mas ocorre que as Copa do Mundo têm gradativamente deixado de lado seus antigos e fortes vínculos com questões de identidade nacional, o que é compreensível em tempos de globalização e mercantilização intensas do futebol. Os megaeventos esportivos estão imersos em um contexto plenamente mercadorizado do esporte, o que geram tensões em relação aos discursos

essencializados dos Estados-nação quando explicitam os vínculos esportivos com o acúmulo de capital e o interesse financeiro em geração de lucro (ESCHER; REIS, 2008). Somado a esse aspecto, muitas, seleções além de multiculturais tem em sua composição jogadores mundialmente conhecidos e idolatrados, cujas imagens são cada vez mais anexadas às marcas que os patrocinam do que aos países onde nasceram. Essas questões devem ser consideradas na recepção da derrota de 2014 e reforçam a hipótese de que o sentimento de vergonha exposto nos principais jornais do país se vincula ao abalo de uma hierarquia de ordem esportiva que tem como pano de fundo a vitoriosa trajetória da seleção brasileira em Copas do Mundo.

Em termos narrativos, embora, tenha sido tomada como vexatória, a derrota de 2014 para a Alemanha não teve um vilão como protagonista. Em grande medida isso ocorreu porque o placar elástico evidenciou que seria um tanto inverossímil culpar apenas alguns jogadores ou mesmo somente Luiz Felipe Scolari. O técnico foi questionado pela imprensa esportiva, mas não houve um discurso mais incisivo que reiterasse sua possível responsabilidade pela derrota. Chama a atenção o fato de o futebol europeu ter sido compreendido como o exemplo a ser seguido pelo futebol brasileiro, tanto em termos de organização esportiva como no que diz respeito aos aspectos técnicos e táticos: “Os grandes times do Velho Continente ensinam há algumas temporadas, que o certo é simplesmente se empenhar em cada lance. Sem atalhos. Lições que vêm no bojo de placares como o da terça no mineirão” (O GLOBO, 10/07/2014).

E se irmos um pouco além da mídia esportiva especializada encontraremos em blogs, redes sociais e diversas outras ferramentas disponibilizadas pela internet a circulação de versões humoradas da derrota da seleção brasileira para a Alemanha e os inúmeros memes surgidos, ainda enquanto o jogo acontecia:



Figura 1 - Meme parodiando a capa do disco Chico Buarque de Hollanda.
Fonte: ZHESPORTES (Atualizada em 08/07/2015)



Figura 2: Meme parodiando uma das cenas filme *O Sexto Sentido*.
Fonte: ZHESPORTES (Atualizada em 08/07/2015).

Em 2014, a humilhação se transformou em espetáculo. Esse tipo de apropriação da derrota de forma humorada é algo raro, não sendo notado em 1950 e na maioria das narrativas das derrotas da seleção (COSTA, 2020). A derrota de 1950 é uma espécie de mito fundador de uma nação que calçava chuteiras. Chuteiras que, talvez, estejam ficando cada vez menores como afirmou Hugo Lovisolo (O GLOBO, 01/10/2000). Nos últimos anos, é notável um gradativo enfraquecimento da relação entre futebol e identidade nacional, o que significa dizer que “as narrativas em torno da seleção brasileira de futebol já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação” (HELAL, 2003, p.2). E esse fenômeno pode ser observado de modo mais incisivo na recepção da eliminação da seleção da Copa de 2018.

COPA DE 2018: ONDE FOI PARAR A “PÁTRIA DE CHUTEIRAS”?

A eliminação da Copa de 2018 foi recebida com certa resignação por parte do jornalismo esportivo. De um modo geral a imprensa demonstrou moderação nas considerações feitas em relação à derrota do Brasil diante da Bélgica nas quartas-de-final da competição. Ao contrário do que aconteceu com a maioria

dos técnicos que estavam à frente de uma derrota decisiva da seleção masculina em copas, Adenor Leonardo Bachi, o Tite, contou com o apoio de grande parte da mídia esportiva que em raros momentos questionou seu trabalho.

É preciso considerar que a figura de Tite se agigantou por ter como contraponto seus antecessores Luiz Felipe Scolari, o técnico do 7 a 1, e Dunga que havia retornado à seleção após a eliminação da Copa de 2014, mas cuja seleção teve mau desempenho na Copa América de 2016, isso sem mencionar seu longo histórico de mal relacionamento com a imprensa esportiva. Nesse contexto, Tite – dono de um histórico vencedor em clubes nacionais – surgiu como uma espécie de profeta capaz de resgatar os rumos da vitória. Como demonstrativo de sua popularidade, Tite protagonizou diversos comerciais vinculados à Copa de 2018, destacando-se um conjunto de peças produzidas por um dos principais patrocinadores da Seleção Brasileira.²⁹ Nessas peças, Tite conduz a narrativa, envolto em uma aura de líder que conjuga sensatez, sabedoria e espírito motivacional. O discurso por ele proferido valoriza o mérito, o trabalho intenso e a dedicação constante para que se atinja um objetivo. Trata-se, portanto, de uma fórmula que não prioriza o talento e outros elementos caros ao imaginário do futebol-arte, estando mais próximo da “ciência-eficiência”.

Ronaldo Helal demonstra como, no Brasil, costuma-se glamourizar a malandragem, a irreverência e a indisciplina em detrimento da dedicação e do treinamento esportivo. Por isso, o autor se pergunta: “Por que falar em esforço seria um demérito nesse país?” (HELAL, 1999, p. 39). Porém, alguns comerciais protagonizados por Tite, meses antes da Copa de 2018, enfatizaram o esforço e não o enaltecimento de um talento nato, vinculado aos atributos tipicamente relacionados à brasilidade como a ginga e a malandragem. No comercial denominado “Preleção”³⁰ é possível vermos Tite explanando que: “Nós trabalhamos muito para chegar nesse estágio [...] Resultado eu não tenho condições de assegurar, mas desempenho, trabalho, isso, sim.”³¹ Nessas propagandas aparece a adoção de uma linguagem e de uma perspectiva de mundo calcada pelos critérios motivacionais típicos do âmbito empresarial, tipo de discurso que, por sinal, Tite sempre adotou no decorrer de sua trajetória (MOSTARO; MARCHI, p. 2021)

Além do privilégio do trabalho e não do talento, explicitado nas palavras de Tite, também, desperta espanto uma recepção da derrota para Bélgica que eliminou a seleção brasileira da Copa de 2018, calcada em uma postura

²⁹ Faz-se referência a web serie *Entrelinhas* vinculado ao banco Itaú e que foi composta por seis episódios.

³⁰ A propaganda foi elaborada pela agência DM9DDB para o banco Itaú, um dos patrocinadores da Seleção Brasileira. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-contOE8fI4>. Acesso em: 22 nov 2021).

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-contOE8fi>. Acesso em: 22 nov. 2021.

moderada, que em alguns momentos destacam-se falhas e erros cometidos, mas que pouco insistiu nessa tônica. O Globo publicou “Bélgica dá xeque-mate no Brasil” (7/07/2018) em sua página principal. Na capa do Caderno de Esportes, o jornal optou pelo trocadilho “Hexit. Derrotada pela Bélgica por 2 a 1 num jogo em Kazan, a seleção pode continuar sua recuperação sem sair do zero” (O GLOBO, 07/07/2018). No lugar de lamentações ou revoltas, vemos a valorização das mudanças ocorridas no estilo de jogar da seleção, implantadas, segundo o jornal, pelo técnico Tite e que evidenciariam a necessidade de: “olhar para trás e ver o que era a seleção há dois anos, perceber no que se transformou hoje saindo da Copa após um jogo memorável, nivelada com os melhores times atuais” (O GLOBO, 07/07/2018).³²

Vale lembrar que técnicos de futebol, são frequentemente convertidos em vilões de derrotas (COSTA, 2020). Protagonizando esse papel, tivemos nomes como Lazaroni em 1990, Carlos Alberto Parreira, em 2006, e Dunga (2010). Em 2018, Tite, embora tenha sido alvo de questionamentos, nem chegou perto da vilania como fez seus colegas anteriores. É de se destacar, nesse caso, a recepção da *Folha de São Paulo* cujos analistas, em sua maioria, ressaltaram o bom trabalho do treinador, apesar da derrota. São emblemáticas as palavras de Paulo Vinícius Coelho: “Erro de Tite provoca eliminação, mas o trabalho deve seguir [...] também é evidente que o trabalho fez o futebol evoluir. Não é para parar. É para Tite continuar.”. (FOLHA DE S. PAULO, 07/07/2018, p. 3).

O jornalista tocou num ponto chave: o 7 a 1. O que se fala – especialmente a mídia esportiva – sobre uma Copa precisa ser analisado em relação à Copa anterior como já ponderou Arno Vogel (1982). Em 2014, a seleção brasileira foi eliminada com uma histórica goleada de 7 a 1, talvez, por isso, perder de 2 a 1 para uma Bélgica, repleta de jogadores internacionalmente reconhecidos, possa ser considerado um resultado aceitável não somente para o jornalista em questão, mas para parte da mídia esportiva. É importante lembrar que a confiança no trabalho de Tite também se evidenciou no fato de seu contrato ter sido renovado pela CBF até o final da Copa de 2022.

Se em 2018, não foi possível observar a eleição de vilões, houve um abalo da imagem de um aspirante a herói. Neymar foi o rosto da derrota. Não como vilão, mas como uma promessa à espera de realização: “O mundo não está errado sobre Neymar, Coutinho, Jesus, Willian, Douglas Costa, Thiago Silva [...] Fazer terra arrasada é tentador. Acalma um país que sempre quer cabeças,

³² Nesse caso vale considerar que é possível levantarmos a hipótese de mais um exemplo da disputa Brasil X Europa que marca a história da construção da concepção de um estilo próprio de jogo tipicamente brasileiro em oposição ao Europeu. Em 2018, aquela disputa revela uma tendência de parte dos discursos da imprensa de valorizar o futebol europeu, considerando seu aprimoramento técnico, seu investimento financeiro em categorias de base etc. e que por esses motivos deveriam inspirar mudanças na organização do futebol brasileiro.

culpados. Mas há derrotas em que a maior prova de sabedoria é simplesmente prosseguir (O GLOBO, 7/07/2018). Porém, sobretudo após a eliminação da seleção brasileira, o jogador tornou-se tema de incontáveis memes, desafios e games. Se a mídia esportiva tradicional não o transformou em vilão – o que dificilmente ocorreria por ser considerado um craque da camisa 10 – as redes sociais, o converteram em alvo de deboche. É de se destacar o “Neymar Challenge” ou o “Desafio Neymar” que consistia em se jogar no chão simulando uma queda assim que o nome de Neymar fosse gritado por alguém. Essa brincadeira foi repetida por milhares de pessoas no mundo todo e os vídeos foram acessados por outros tantos milhões.



Figura 3 - Jovens rolando na grama do Aterro do Flamengo (Rio de Janeiro)
Fonte: EXTRA (10/07/18)

Historicamente as derrotas da seleção brasileira adquiriram um poder devastador, sobretudo quando se equacionava seleção e nação, como ocorreu na derrota da Copa de 1950. Porém essa equação tem perdido força nos últimos anos e a recepção do 7 a 1 deu mostras desse fenômeno. A Copa de 2018 foi uma Copa sem vilões da seleção brasileira e seu principal jogador terminou a competição desempenhando o papel de bobo da corte, assim transfigurado por milhões de internautas espalhados pelo mundo.

E até mesmo na imprensa do Brasil temos exemplos de uma recepção humorada:



Figura 3: Alusão à mascote da Seleção masculina de futebol Canarinho Pistola que na capa do *Meia Hora* virou um prato de galeto com farofa. *Meia Hora*. 07/07/2018. (disponível em <https://twitter.com/futpapers/status/1015593833986478080>)

Essas novas narrativas ainda estão à espera de maiores análises, pois dela estão surgindo outros personagens e representações em torno do futebol que certamente se fazem refletir nas narrativas da mídia esportiva brasileira. E apontam para novas configurações da relação entre seleção brasileira e identidade nacional.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Decerto, as reflexões de Arno Vogel foram e são fundamentais para entendermos os significados das derrotas e conquistas da seleção brasileira em Copas do Mundo, em um período de formação e de consolidação dos chamados estados-nações. Estamos de acordo que a derrota em 1950 e a conquista de 1970 foram sentidas e vividas no país como derrota e vitória de projetos de nação brasileira. A seleção em Mundiais era capaz de gerar sentimentos antagônicos de tragédia e de carnaval, de intenso pessimismo e ufanismo exacerbado, em relação aos rumos do país.³³

³³ Algumas canções evidenciam esse ufanismo. A canção a Taça do Mundo é Nossa, de autoria de Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô, composta para as comemorações da conquista da Copa do Mundo 1958 na Suécia, dizia que "Com brasileiro não há quem possa". Na conquista do tricampeonato em 1970, a marchinha "Pra Frente Brasil", de Raul de Souza e Miguel Gustavo, que ficou muito famosa dizia, entre outras coisas: de repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão! Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!"

No entanto, temos observado que as narrativas jornalísticas em torno da seleção brasileira de futebol já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação, apesar de que a Copa do Mundo ainda traz uma estrutura narrativa que representa os nacionalismos afirmados entre os séculos XIX e XX (HELAL; SOARES, 2004).

Vimos que tanto as conquistas de 1994 e de 2002, quanto a derrota na final de 1998, não transcenderam o universo futebolístico e foram experimentadas como vitórias e derrota de uma equipe esportiva.

E a derrota na semifinal por 7 a 1 para a Alemanha no Brasil? O que ela significou para o país como nação? Os memes gerados na ocasião não evidenciavam que a seleção era vista como a “pátria de chuteiras”. Após a goleada histórica para a Alemanha, a seleção perdeu de 3 a 0 para a Holanda na disputa pelo terceiro lugar. Mas essa derrota quase não foi comentada. Muito por conta da “vergonha” ocorrida na semifinal. Duas derrotas por placares elásticos e a identidade nacional não parecia ter sido afetada por elas, pelo menos no que diz respeito ao discurso de importante parcela da imprensa, ainda que a recepção daqueles resultados tivesse sido marcada por manchetes superlativas. O jornal *O Globo* considerou a derrota para a Holanda como “Deprimente” (ESPECIAL COPA 2014, 13/07/2014) e a *Folha de São Paulo* anunciou “Nocaute” (CADERNO COPA 2014, 13/07/2014). A recepção dessas derrotas se articulou em análises de ordem técnica, na qual se ressaltava a necessidade de uma renovação na formação de jogadores, assim como na necessidade de imediata substituição do técnico Luiz Felipe Scolari.³⁴

Em 2018, presenciamos um declínio ainda maior da “pátria de chuteiras”. A derrota para a Bélgica nas quartas de final, gerou narrativas mais de ordem técnica do que de nacionalismos.

Cabe destacar também um fenômeno que vem ocorrendo recentemente relativo ao significado da camisa da seleção brasileira masculina de futebol. Temos observado que essa camisa passou a representar, de uns tempos para cá, a adesão a um grupo político considerado de direita e até de extrema-direita no Brasil. É importante aprofundar o tema. Guedes e Almeida (2022) denominaram esta mudança de significado da camisa da seleção como sendo o “segundo sequestro do verde e amarelo”.

³⁴ É exemplar nesse aspecto a reportagem de Maurício Fonseca, “Universo paralelo. Desconectado. Vaiado pela torcida, Felipão elogia atuação contra Holanda, destaca poder de reação da equipe e diz que futebol brasileiro não tem problemas fora de campo” (O GLOBO, Copa 2014, 13/07/2014)

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Leda Maria da Costa - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Ronaldo Helal - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. Brasil, decime que se siente: fútbol, música, narcisismo y estado, o el fracasso de Mascherano. In: HELAL, Ronaldo; GASTALDO, Édison. *Copa do Mundo 2014: futebol, mídia e identidades nacionais*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017.

_____. *Fútbol y Pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

BRINATI, Francisco. *Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014*. Curitiba: Prismas, 2016.

- COSTA, Leda Maria da. *Os vilões do futebol*. Jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba: Appris, 2020.
- DAMATTA, Roberto (Org.) *Carnavais, Malandros e Heróis*: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. (Org.). *O Universo do Futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- ESCHER, Thiago de Aragão. REIS, Heloisa Helena Baldy dos. As relações entre futebol globalizado e nacionalismo. O exemplo da Copa do Mundo de 2006. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 30, n. 1, p. 41-55, set. 2008.
- EXTRA. *Jovens rolando na grama do Aterro do Flamengo (Rio de Janeiro)*. Notícia atualizada em 10/07/18, 04:30, Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/a-piada-rola-solta-extra-testa-ney-mar-challenge-no-aterro-do-flamengo-22869657.html>. Acesso em: 02 nov. 2021
- GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. In: HELAL, Ronaldo; COSTA, Leda. *Esporte e sociedade. A contribuição de Simoni Guedes*. Curitiba: Appris, 2022
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.
- GUEDES, Simoni Lahud. O Futebol Brasileiro – Instituição Zero. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- HELAL, Ronaldo. CABO, Álvaro do. Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural. RJ: edUERJ, 2014.
- HELAL, Ronaldo. Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 24-39, 2003.
- _____. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. *Motus Corporis* (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.
- _____. As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 38-42, 1999.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. The decline of the soccer nation: journalism, soccer and national identity in the 2002 world Cup. In: CURI, Martin (Org.). *Soccer in Brazil*. Nova Iorque: Routledge, 2015, p. 131-145.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain de. (Orgs.). *Comunicação, Representação e Práticas Sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2004, v. 1, p. 257-277.
- MARANHÃO, Tiago. "Apolíneos e Dionisíacos": o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do "povo brasileiro". *Análise Social*, Lisboa, n. 179, p. 435-450., 2006.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MOSTARO, Filipe; MARCHI, Leonardo. O encantador de serpentes: Tite e a transformação da figura do treinador de futebol sob a ideologia neoliberal. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 2, p. 01-14, mai./ago. 2021.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: *O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

ZHESPORTES. *Relembre os melhores memes da derrota por 7 a 1 para a Alemanha*. Notícia atualizada em 08/07/2015 - 05h07min. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2015/07/relembre-os-melhores-memes-da-derrota-por-7-a-1-para-a-alemanha-4797011.html>. Acesso em: 02 nov. 2021.

Recebido em: 01 dez. 2021

Aprovado em: 21 abr. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

